

LÍNGUA, LITERATURA E ENSINO – Maio/2007 – Vol. II

POR UMA POÉTICA DO SUICÍDIO: OS TEMPOS DE MAIAKÓVSKI

Paulo Sérgio de SOUZA Jr.
(Orientador): Prof. Dr. Marcio Seligmann

RESUMO: Este trabalho foi baseado no relatório-parcial do projeto em andamento “Morre, verso meu”: Vladímir Maiakóvski e o luto do si-mesmo¹, que tem como proposta analisar a obra poética do presente escritor, norteado por uma idéia recorrente em sua obra: a de cometer suicídio (Campos, 1980). O foco do projeto é avaliar como o autor aborda o mórbido em seus poemas. Nos orientamos pela Literatura de Testemunho e pela Psicanálise para desenvolver nossas questões, e trazer as discussões relativas à dimensão da obra testemunhal entendida como a escrita do trauma; e ao suicídio, na poética maiakovskiana, como detentor de um estatuto singular. Ao termos isso em vista, isolamos aqui a relevante questão da temporalidade em sua poesia, e é dela que trataremos adiante.

Palavras-Chave: teoria literária – psicanálise – suicídio – futuro – Maiakóvski

Escrita e Psicanálise

«El texto literario es categóricamente un discurso ambiguo, un compromiso entre los procesos primario y secundario descritos por Freud. En ese forcejeo entre la necesidad de expresión por un lado, y de disfraz por el otro, de deseo y represión, surge la obra estética»

— Marcos Aguinis²

Uma inquietação que acompanha este trabalho diz respeito a articular o componente autobiográfico de uma escrita literária e uma certa leitura da teoria freudiana, inaugurada por Jacques Lacan. Isso nos impele a, antes de percorrer um pouco os encadeamentos que esta pesquisa nos tem possibilitado, trazer brevemente alguns pontos de interesse da Psicanálise no que se refere à escrita.

Segundo Gloria Gataroff (2007, p. 15), a letra produz angústias específicas por conta de sua natureza essencial.

¹ Este projeto de iniciação científica é orientado pelo Prof. Dr. Marcio Seligmann, e conta com o financiamento pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - FAPESP.

² Aguinis, 2003, p. 251.

Ni aún el escritor más avezado queda exento de algunas cuestiones tales como la lucha entre lo que se quiere decir y las palabras con que se cuenta para expresarlo, misión de todos modos imposible

Disso temos que o labor dispensado ao trabalho literário é um constante lidar com a decepção que o signo desde sempre inaugurou, através de um saber que, dizia Lacan — ao trabalhar com a obra de Joyce, em seu Seminário 23 —, não é dado ao neurótico; e é, portanto, também específico.

Que a linguagem, como ferramenta, seja imperfeita é patente e não há mais quase nada a falar sobre isso, do ponto de vista científico, quero dizer. Enquanto instrumento de comunicação e de troca, do pensamento e da sua expressão, a linguagem acaba traindo o pensamento, por ser causa de mal-entendidos, de ilusões e de erros. Falar nesse momento de um defeito da linguagem, apresentá-la como uma ferramenta imperfeita, como Bentham ou Frege, parece mesmo um eufemismo que preserva a miragem da linguagem bem feita, de instrumento aperfeiçoado ou ainda de um uso racional desse instrumento. Não é assim que se pode abordar a língua. (Henry, 1992, p. 193)

Além disso, a letra escrita permanece no tempo — já que não porta a volatilidade da palavra falada. E, com isso, é desperta a promessa de transcendência que todo escrito oferece (concedida pela atemporalidade do que se fixa ao papel), e que se transforma em uma inquietude, já que ambas as fantasias — transcendência e atemporalidade — carregam desejos que aludem, em última instância, à morte (Gitaroff, 2000 *apud* Gitaroff, 2007, p. 15).

O luto de Jakobson

A publicação, em 2006, da tradução de um ensaio escrito por Roman Jakobson em 1930 — e publicado em 1931, em Berlim — intitulado ‘A geração que esbanjou seus poetas’, por Sonia Regina Martins Gonçalves, nos tem sido de extrema relevância, já que aí o autor mostra a importância que Maiakóvski teve em seu novo modo de conceber a crítica literária, em especial com relação à intervenção que a biografia exerce no texto. Além disso, Jakobson também acreditava na anterioridade do suicídio na obra do autor, e o entende como fato histórico-literário — o que corrobora nossa tese inicial.

Entendemos, em primeiro lugar, que essa proposta implica considerações de ordem temporal e, no caso, tratamos aqui de um autor para quem a questão da temporalidade esteve constantemente presente.

“Esta visada para o futuro percebe-se em tudo o que [...] nos deixou, é a tônica de sua criação poética e de sua teorização” (Schnaiderman, 1971, p. 53). Como chegou a dizer Marina Tzvietáieva: “talvez, ao lembrar de Maiakóvski,

nós e nossos netos tenhamos que olhar para adiante, ao invés de olhar para trás”.
(*apud* Kashéeva, 1997, p. 1247)

O futuro, que ressuscita os homens do presente, não é apenas um procedimento poético, uma motivação extravagante do entrelaçamento de dois planos narrativos. É o mito mais secreto de Maiakóvski (Jakobson, 1930, p. 33)

A noção de futuro que lhe interessava era bem específica, entretanto; e se encontra bem distante do que se chama de *amanhã*:

um poeta genuíno “não se alimenta da vida quotidiana; seu focinho não está voltado para o chão” (*apud* Jakobson, 1930, p.35)

Para Maiakóvski, o amanhã concreto delonga o hoje (Jakobson, 1930, p.33), e nutre, por isso, o seu grande ódio pelo quotidiano e por tudo aquilo que é velho — e que não deveria infectar a imagem do poeta que ele cultivava: a de alguém comprometido com a aceleração e a antecipação do tempo.

Manchei o mapa quotidiano
jogando-lhe a tinta de um frasco
e mostrei oblíquas num prato
as maçãs do rosto do oceano.

Nas escamas de um peixe de estanho,
li lábios novos chamando.

E você? Poderia
algum dia
por seu turno tocar um noturno
louco na flauta dos esgotos?³

O poeta, segundo ele, tem um dever que é da ordem de uma superação temporal:

³ ‘Algum dia você poderia’? (*А Вы могли бы ?*, 1913). « Я сразу смазал карту будня, / плеснувши краску из стакана; / я показал на блюде студня / косые скулы океана. / На чешуе жестяной рыбы / прочел я зовы новых губ. / А вы / ноктюрн сыграть / могли бы / на флейте водосточных труб? » (Maiakóvski, 2002, p. 53)

General da força humana

- Verbo –
marche!
Que o tempo cuspa balas para trás,
e o vento
no passado
só desfaça
um maço de cabelos⁴

Esforçava-se na produção de uma poesia que fosse na direção oposta àquela que considerava que os outros escritores soviéticos tomavam como referencial:

Au cours de toute son activité littéraire, Maïakovski a lutté contre l'inertie d'une langue poétique tournée vers l'Antiquité et portée à l'esthétisme. Maïakovski était surtout révolté par les manifestations de ce phénomène d'inertie qu'il rencontrait dans la littérature soviétique. (Khardjiev & Trenine, 1982, p. 314)

E talvez essa superação do tempo justifique uma faceta de sua personalidade que se apresenta, aparentemente, em contradição com o que poderíamos supor: o seu ódio pela figura da criança.

Em seu poema 'Algumas palavras sobre mim mesmo' (*Несколько слов обо мне самом*, 1913), por exemplo, diz:

Eu gosto de ver as crianças morrendo.⁵

Vejamos que, ao invés do que se poderia esperar, Maiakóvski não enxergava na criança uma materialização do seu mito de futuro, mas sim uma representação do retorno contínuo do cotidiano.

Como o suicídio, o infanticídio também é tema recorrente em obras relevantes deste autor⁶, sendo plausível que relacionemos o segundo ao primeiro, já que ambos são maneiras diferentes de impedir que o cotidiano se perpetue: prevenir-se da concretude do amanhã.

Nos parece, de fato, que Maiakóvski lutava contra a inexorabilidade do cotidiano; e entendia que os versos seriam uma forma de conceber uma

⁴ Trecho de 'À Serguei Iessiênin' (*Сергею Есенину*, 1926) «Слово —/ полководец/ человеческой силы./ Марш!/ Чтоб время/сади/ ядрами рвалось./ К старым дням/ чтоб ветром/относило/только/ путаницу волос».

⁵ «Я люблю смотреть как умирают дети»

⁶ e.g. 'A guerra e o mundo' (*Война и мир*, 1917); 'Como vai?' (*Как поживаете?*, 1926).

superação deste: um para-além da condição humana de se sujeitar à repetição do velho, que tanto lhe incomodava — uma revolução.

Nesse sentido, Maiakóvski traz para o texto as marcas de sua vida: no início, o vistoso poeta revolucionário; depois, à maneira de um jornalista, o poeta que bradava o quanto era bom gritar, quando se é atirado entre os dentes do cadafalso.

Contudo, conforme acredita Jakobson, havia aí um descompasso: a população que o lia “não enxergava os [tais] dentes”.

É um fato histórico: os que o rodeavam não acreditavam nos monólogos líricos de Maiakóvski (p. 40)

Seu texto lírico havia sido encoberto, aos olhos da opinião pública, por sua sátira e por sua ode: “Moscou não acredita em lágrimas” (Jakobson, 1930, p. 41). De qualquer forma, parece que o Ocidente só conseguia ver o escritor que esbravejava ser: apenas um cumpridor da demanda social de sua classe (Kashéeva, 1997, p. 1249), um poeta totalmente voltado para a revolução. E desconhecia, assim, alguém que carregou as dores de toda uma geração dizimada,⁷

Para o júbilo
o planeta
está imaturo.
É preciso
arrancar alegria
ao futuro
Nesta vida
morrer não é difícil.
O difícil
é a vida e seu ofício.⁸

que lançava ao porvir a possibilidade de redenção tanto do texto quanto de si-mesmo: um daqueles poetas que têm o futuro como seu único juiz (Tzvietáieva,

⁷ “Aleksandr Blok, isolado, definiu até a morte, em 1921. No mesmo ano deu-se o fuzilamento de Nikolai Gumiliov. Em 1922, as privações e o abandono levaram Vielimir Khliébnikov. Depois vieram os “suicídios anunciados” (segundo Jakobson) de Sierguéi Iessiênin, em 1925, e Maiakóvski, em 1930” . ALCIDES, S. in JAKOBSON, R. *op. cit.*, orelha.

⁸ «Для веселия / планета наша / мало оборудована. / Надо / вырвать / радость / у грядущих дней. / В этой жизни / помереть / не трудно. / Сделать жизнь / значительно трудней». (Maiakovski, 2002, p. 110)

1926, p. 50), e que se propôs a superar o tempo por meio de sua própria carne numa obra derradeira. Maiakóvski repete o gesto de Iessiênin: traça a letra. Escreve-se, e se ausenta da cena.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- AGUINIS, M (2003). *Revista de Psicoanálisis Docta*, Año 1. Asociación Psicoanalítica de Córdoba. Argentina.
- GITAROFF, G. (1990) “La cuarta pata del trípode. Moción”. In *Revista del Claustro de Candidatos de Asociación Psicoanalítica Argentina*, Año 3, nº5. Argentina.
- HENRY, P. (1992) *A ferramenta imperfeita: língua, sujeito e discurso*. Trad. de M. F. Pereira de Castro. Editora da UNICAMP, Campinas.
- JAKOBSON, R. (2006) *A geração que esbanjou seus poetas*. Cosac Naify, SP.
- KASHÉVA, M. (1997) “El futurismo” in GONZÁLES, F. P. (org.). *Historia de las literaturas eslavas*. Cátedra S.A.: Madrid.
- SCHNAIDERMAN, B. (1971) *A poética de Maiakovski*. Perspectiva: São Paulo.
- KHARDJIEV, N. & TRENINE, V. (1982). *La culture poétique de Maïakovski*. (trad. par G. Conio et L. Yakoupova). L’age d’homme: Suisse.
- TSVIETÁIEVA, M. (1990) “Um poeta a respeito da crítica” (*Poet o kritike*, 1926). In *El poeta y el tiempo*. Anagrama: Barcelona.